

ANALISE DAS REPORTAGENS DO EDITORIAL FOLHA DE SÃO PAULO RELATIVAS À CONSTRUÇÃO DA CRISE HÍDRICA: PERCURSO IDEOLÓGICO E A FRONTEIRA DA MANIPULAÇÃO MIDIÁTICA.

Eduardo Junqueira de Araujo

Graduando em licenciatura plena ciências agrárias – universidade estadual da Paraíba – campus iv -
catolé do rocha. eduardojunqueiraaraujo@gmail.com

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é o de analisar as reportagens do editorial Folha de São Paulo (FSP) partindo de uma perspectiva teórica cujo foco é crítico-analítico. Para tal finalidade utilizamos uma metodologia qualitativa adequada àquilo que pretendemos analisar, ou seja, a forma como o editorial FSP busca legitimar o processo de existência de uma crise hídrica numa dimensão universalista e naturalista, ao tentar desvinculá-la de um processo de construção social, no qual o campo técnico configurasse como panaceia à crise construída, no instante em que ofusca o papel político do processo. Feita tal tarefa por meio das diferentes variáveis, chegamos às seguintes conclusões apresentadas aqui de maneira sintética: a) existência de dificuldades do editorial FSP em debulhar máscaras ideológicas da existência de uma crise hídrica construída por um prisma político; b) encaminhamento de uma leniência no sentido de culpabilizar o consumidor residencial e abonar as ações do Estado na sua justificativa perante a anunciada crise hídrica; c) relativa omissão em dar evidência quanto ao empoderamento financeiro da SABESP no período do racionamento; d) e a legitimação da chamada crise hídrica sem a ocorrência de necessidade de um uso racional dos recursos hídricos com o aval dos especialistas por ela contratados e seus veredictos para ratificar a ordem do problema da “falta de água” no país que detém a maior quantidade de água doce no mundo e que se vê obrigado a fazer uso racional da água.

Palavras-chave: manipulação; crise hídrica; midiática.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the reports of the editorial Folha de São Paulo (FSP) starting from a theoretical perspective whose focus is critical-analytical. To that end, we use a qualitative methodology appropriate to what we intend to analyze, that is, the way the FSP editorial seeks to legitimize the process of existence of a water crisis in a universalist and naturalistic dimension, when trying to unlink it from a process of social construction, in which the technical field formed as panacea to the crisis built, at a time when it overshadows the political role of the process. Having done this task through the different variables, we arrive at the following conclusions summarized here: a) existence of difficulties of the FSP editorial in thrashing ideological masks of the existence of a water crisis built by a political prism; b) forwarding a leniency in the sense of blaming the residential consumer and paying the State's actions in their justification before the announced water crisis; c) a failure to provide evidence of SABESP financial empowerment during the rationing period; d) and the

legitimacy of the so-called water crisis without the need for a rational use of water resources with the support of the experts contracted by them and their verdicts to ratify the order of the problem of "lack of water" in the country that has the largest amount of fresh water in the world and that is forced to make rational use of water.

Keywords: manipulation; water crisis; media.

1 – A RETÓRICA DA CRISE HÍDRICA NO EDITORIAL FOLHA DE SÃO PAULO: QUAIS AS CONTRADIÇÕES DISCURSIVAS NÃO REVELADAS?

A nossa escolha pela temática da construção social da crise hídrica e a sua focalização tem uma origem relacionada ao meu histórico social vivido na região Centro-Oeste no estado de Mato Grosso do Sul, especificamente, na cidade de São Gabriel do Oeste. Por ser de origem numa região na qual a paisagem hídrica é abundante, portanto com pouca ênfase na conjuntura política social e muito diferenciada da qual convivo atualmente aqui na região semiárida do nordeste brasileiro. A partir daí foi que resolvi no curso de Ciências Agrárias buscar uma explicação sociológica para o entendimento dos processos políticos que monopolizam o acesso aos recursos hídricos e demais vieses políticos que o envolve. Desde a infância, sempre nos intrigou a questão de como em muitas regiões do país, o cenário é um tanto diferenciado e, muitas vezes, explicado por um condão de naturalização a partir do qual a manipulação e a comercialização são produzidas à revelia dos interesses coletivos. Ou seja, o de que o acesso à água depende única e exclusivamente dos arranjos sobrenaturais, coisa essa, que entendemos como tendo uma configuração de ordem social, em muitos casos, estruturadora de uma indústria da seca e dos carros-pipa com muita tenacidade. É estranho pensar em escassez no país em que a quantidade de reserva hídrica é a maior do mundo, correspondendo a 12% das reservas existentes no planeta conforme a ONU (2016). Então, querendo desmistificar a ordem que coloca a existência discursiva de iminência de uma crise hídrica já existente como algo inevitável e, em certa medida, construído diuturnamente produzido e reproduzido pelos meios de comunicação é que resolvemos construir a questão de pesquisa norteadora deste trabalho que ora construímos como pré-requisito ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sendo esse apresentado da seguinte forma: Como o editorial Folha de São Paulo constrói e dissemina o discurso da existência de uma crise hídrica e, ao mesmo tempo, anuncia tratados clássicos para o enfrentamento, esse deixa em aberto a explicação política do problema. É essa questão que desejamos aqui enfrentar com afinco em termos de investigação, ao buscarmos ressaltar os aspectos que não se concentram apenas numa ordem

técnica, mas hidrossocial. Para isso, organizamos este trabalho em três partes: a) na primeira, apresentamos a introdução e a organização proposta a ser desenvolvida relativa ao que se classifica como crise hídrica; b) na segunda, apresentamos o aporte teórico e a relação desse com a temática ora em proposição, priorizando para isso, a contribuição de Foucault (2006) abrangendo as contradições, as manipulações e os desarranjos dos discursos, em certa medida, naturalizadas pelo editorial Folha de São Paulo (FSP) relativas à crise hídrica, como também com Ioris (2009) e Swyngedouw (2004) ao problematizar a gestão de recursos hídricos e da justiça ambiental no Brasil; c) na terceira e última parte do trabalho apresentamos o campo empírico do mesmo, constituído a partir da produção da análise dos discursos que convergem para ratificar uma ideologia da existência da crise hídrica no Brasil. Ainda em relação à parte da metodologia, buscaremos desvelar aquilo que o editorial FSP, deixa amarrado em termos de esclarecimento tanto nos âmbitos do editorial, quanto no âmbito científico, ao contribuir com modelos herméticos para que a população não saiba construir, ao certo, uma sistematização adequada e, também, da maneira como funciona a “crise hídrica” sem deixar descoberta a complexidade na qual precisa ser entendida. A metodologia que utilizaremos neste estudo é de cunho qualitativo e se presta a análise documental das reportagens do editorial FSP. Para isso, analisamos um conjunto de seis reportagens escolhidas por sua heterogeneidade no período de 16/04/2016 a 13/08/2016 e, também, por sua relevância, dando ênfase as seguintes variáveis norteadoras deste trabalho, a saber: a) a proposta de acesso e uso racional dos recursos hídricos; b) a proposta de associação entre o uso racional e a valoração da água; c) a proposta de desregulação estatal e a transferência do gerenciamento para a iniciativa privada; d) a proposta de metodologias inovadoras em termos de tecnologia como estratégia de maximizar a oferta de água à população; e) a proposta condutora dos modelos de gerenciamento como inovadores e que se colocam como a panaceia para o problema da *falta de água*. Ainda como complemento metodológico ressaltamos a apresentação dum painel, no qual analisamos as entrevistas interativas que realizamos com os integrantes da comunidade acadêmica do Campus IV UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) nos seus diferentes segmentos. Por uma questão ética, não identificamos os sujeitos que a integraram. No que tange aos objetivos, constitui nosso interesse verificar a maneira como o editorial FSP conduz e constrói a discussão da existência de uma crise hídrica e, ao mesmo tempo, apresenta sugestões para seu enfrentamento desfigurando o eixo político, no qual as relações de poder necessitam ser levadas a cabo. Por fim, como já ressaltamos acima e amarrando a nossa proposta de tese do trabalho à sua execução por meio da metodologia, daremos ênfase ao interesse em revelar a maneira como o editorial FSP constrói, produz e

reproduz sistematicamente o discurso da existência de uma crise hídrica, o que nos fez aqui, a buscar entender as dobras e nuances da mesma. Não é nosso objetivo aqui produzir um trabalho numa linhagem meramente técnica relativa aos recursos hídricos. Muito pelo contrário, desejamos estabelecer um mecanismo que se encaixa numa vertente mais social, a partir da qual os conflitos, as tensões, as rupturas e as disputas estejam atreladas à configuração daquilo que se apresenta como sendo uma crise hídrica apenas numa configuração natural. É essa estória que revelaremos a seguir!

2 - ANÁLISE DAS REPORTAGENS DO EDITORIAL FOLHA DE SÃO PAULO - PERCURSO IDEOLÓGICO E A FRONTEIRA DA MANIPULAÇÃO MUDIÁTICA.

Após apresentar a introdução e a síntese do trabalho, passamos aqui, a concatenar um conjunto de análises relativas ao método utilizado pelo editorial FSP, a fim de legitimar o processo de construção social de existência de uma crise hídrica, cuja confirmação resiste a ser posta num prisma não-naturalista. E nesta segunda parte do trabalho, fazemos um percurso no sentido de debulhar as máscaras ideológicas postas *empostas* pelo editorial que busca arranjar-se com um aval de uma ciência que se coloca como “linear” em seu conjunto de *veredictos* sobre o que é ou não crise hídrica num país cuja capacidade hídrica é a maior do mundo como já ressaltamos anteriormente. A partir da conciliação entre o editorial e a ciência “linear” é que se produz/reproduz a síntese da manipulação discursiva sobre a maneira como se configura a crise hídrica e como esses são polvilhadas no contexto social. E neste segundo capítulo, será nossa tarefa primordial, desvendar as nuances e os embrulhos que a envolvem. Para isso, apresentamos a seguir, num primeiro momento, o extrato das reportagens, e, em seguida, a análise das mesmas, feita a partir de um estranhamento daquilo que aparece como verdadeiro para os que aceitam a verdade midiática como algo apocalíptico em termos da configuração hídrica no Brasil, e, especificamente no Estado de São Paulo à época em que o Sistema Cantareira apresentou embaraços na disponibilização de água à população paulistana. Mesmo no período do racionamento não reconhecido pelo governo do Estado de São Paulo, a hierarquização no acesso à água permaneceu de maneira eficaz.

2.1 Análise Das Reportagens Do Editorial FSP Encaixes e Desencaixes Da Crise Hídrica.

FOLHA DE SÃO PAULO DO "AGORA"	BRASIL 01	16/04/2016
<p style="text-align: center;">SISTEMA CANTAREIRA TEM ABRIL COM MENOS CHUVAS EM 16 ANOS</p> <p>A O volume de chuvas no <u>Cantareira</u> nas duas primeiras semanas de abril é o menor para o período desde 2000. Até sexta-feira (15), choveu 0,9 mm nos reservatórios, quando a média histórica é de 88,7 mm. O sistema abastece 7,4 milhões de pessoas na capital e na Grande SP.</p> <p>E a cada dia, desde o início do mês, também cai a entrada de água dos rios nas cinco represas do sistema. No dia 1º, entraram 38.660 litros por segundo, enquanto ontem foram 22.140.</p> <p>"Acendeu a luz amarela. É prenúncio de <u>um novo 2014</u>, afirma Roberto Kachel, professor de recursos hídricos da UMC (Universidade Mogi das Cruzes), referindo-se ao início da crise de abastecimento. Por ora, a entrada de água equivale ao que a Sabesp tem retirado do sistema. Para Kachel, a empresa tem de manter esse equilíbrio. "Não pode aumentar a retirada até outubro, quando volta a chover."</p> <p>O geólogo especialista em gestão de recursos hídricos Pedro Luiz Côrtes, da USP, afirma que vai chover menos neste ano, com o fim do El Niño. "Chove menos que no segundo semestre de 2015, quando os mananciais tiveram recuperação", diz.</p> <p>Assim, na avaliação dele, o acumulado de água poderá não dar conta do consumo e o risco é ter de recorrer ao volume morto mais cedo do que foi em 2014 (em maio). "Estamos com 36,9% de armazenamento. Em 2013, nessa época, eram 63,8% e aquele volume não foi suficiente para entrar em 2014 em boa situação", compara.</p> <p>Diante da previsão de menos chuvas neste ano, Cortês diz que o Cantareira deve ser preservado ao máximo. "Há necessidade da população manter o uso racional da água", diz. Para ele, seria positivo que o governo mantivesse o bônus por economia e a multa para os gastos de água, que serão suspensos em maio. A Sabesp diz que, com a melhora dos reservatórios, eles não são mais necessários.</p> <p style="text-align: center;">ALTO TIETÊ E GUARAPIRANGA</p> <p>O volume de chuva nos sistemas Alto Tietê e Guarapiranga, nas duas primeiras semanas de abril, também está muito menor do que suas médias históricas.</p> <p>No primeiro, o acumulado foi de 1,9 mm, ante 16,1 mm registrados nessa mesma época, em 2015. A média do mês é de 97,8 mm. O volume armazenado ontem era de 41,6%, maior que os 21,7% do ano passado.</p> <p>O Guarapiranga está com 83,3% de armazenamento, igual volume de 2015. Não choveu nada, porém, nos últimos 15 dias. No ano passado, houve 2,4 mm de precipitação. A média histórica do mês é de 73,2 mm.</p>		

OUTRO LADO

A SABESP afirma que projeta quantidade de chuva e abastecimento dentro da normalidade em 2016, baseada em estudos próprios e da USP. "esses mesmos estudos indicam que a probabilidade de uma seca como em 2014 e 2015 é baixíssima", diz, por meio de nota.

Para a companhia, grande parte dos sistemas deve chegar a outubro com níveis superiores aos registrados no mesmo mês em 2015. devido às chuvas de setembro a abril, ao uso racional da água pelos clientes e a obras, a SABESP afirma que a condição dos mananciais que abastecem a grande SP "é muito melhor que a registrada em igual período nos dois anos anteriores".

ANÁLISE DA REPORTAGEM 01.

A análise que fazemos da reportagem apresenta: por “um lado” o editorial FSP que seleciona estrategicamente para o seu rol de entrevista, técnicos da área hídrica que possam discursar ressaltando a problemática da escassez existir exclusivamente devido aos fenômenos meteorológicos desfavoráveis e “anormalidade” do volume hídrico do reservatório, como há importância de se economizar em volume de consumo, para que não se retire mais água do que é repostado pelos fenômenos naturais e aportes fluviais do sistema, esses ao argumentarem que existe grande escassez pluviométrica e reservas menores que nos anos anteriores com taxas oscilantes. Tal reflexão cuja retidão é apresentada como verdadeiro deixa sem resposta questões de natureza política a exemplo da não construção de um sistema de captação moderno e funcional que resistisse as adversidades climáticas. A amarração da crise ao fim do racionamento induz ao engessamento de visão de mundo, fora do qual não há saída ou outras soluções a não ser a que se coloca, do uso racional dos recursos hídricos.

Do “outro lado” reporta que a empresa com seus estudos e análises próprias e da USP afirma a normalidade do volume do reservatório e descarta a possibilidade de nova crise de abastecimento, pontuando como suporte chuvas reparadoras do volume em um determinado período, obras realizadas e o uso racional dos recursos pelos clientes, no intuito de retirar o programa de incentivo através de bônus aos “econômicos” e multa para os “gastões” haja visto pela empresa que a quantidade de multa é muito menor que a quantidade de bônus concedida por uso racional dos consumidores tendo visto que a população se habituou ao racionamento, o programa visto aos olhos da empresa perde sua função, assim o sendo pois diminui o lucro líquido da empresa pública privada, desta forma o discurso da empresa passa a defender a normalidade e eventual melhora no volume do reservatório comparado a anos anteriores para justificar a retirada do programa de

incentivo no mês subsequente.

Segundo Foucault (1996), um discurso pode ser conceituado enquanto rede de signos que se conecta a outros tantos discursos – ou a outras tantas redes de discursos –, em um sistema aberto que tanto registra quanto reproduz e estabelece os valores de determinada sociedade, perpetuando-os.

“suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

O discurso, portanto, não é um encadeamento lógico de frases e palavras que pretendem um significado em si, mas, antes, ele se colocará como um importante instrumento de organização funcional que pretende estruturar determinado imaginário social a se convencer das verdades mascaradas.

FOLHA DE SÃO PAULO DE SÃO PAULO	BRASIL 02	12/05/2016
---------------------------------------	--------------	------------

CONTA DE ÁGUA DA SABESP AUMENTA 8,5% A PARTIR DESTA QUINTA

As tarifas de água e esgoto da SABESP, empresa paulista de saneamento, ficam mais caras a partir desta quinta-feira (12). Os moradores já receberão suas contas este mês, referente ao consumo de abril, com o reajuste de 8,45%.

O aumento foi autorizado pela ARSESP (Agência Reguladora De Saneamento e Energia Do Estado De São Paulo). O órgão regulador estadual levou em consideração a inflação anual medida pelo IPCA (Índice De Preços Ao Consumidor Amplo) de março de 2015 a março de 2016 –que foi de 9,4%–, do qual foi descontado um "fator de eficiência" de 0,9386 ponto percentual. O último aumento autorizado pela agência foi de 15,24%, que passou a valer a partir de junho do ano passado.

No caso da tarifa residencial social –para famílias de baixa renda–, por exemplo, o valor do fornecimento de até 10 m³ de água passa de R\$ 7 para R\$ 7,59 por mês, aplicando-se a mesma tarifa para o esgoto. O mesmo fornecimento de água, no caso da tarifa residencial normal, passa de R\$ 20,64 para R\$ 22,38 por mês, mesmo valor aplicável ao esgoto.

Não farão parte do reajuste os municípios de Lins, Magda e Glicério, cujas tarifas terão aplicação em outras datas.

Bônus

Em abril, a ARSESP autorizou o fim da sobretaxa e do bônus nas contas de água SABESP. o pedido havia sido feito pela empresa de saneamento junto com o anúncio do fim do desconto nas contas.

Com a decisão, tanto a sobretaxa, que visava punir pelo uso excessivo da água, como a política de bônus, que dava desconto para quem economizasse, ficaram extintas a partir de leituras feitas em maio, referentes ao consumo de abril.

ANÁLISE DA REPORTAGEM 02.

O editorial relata o aumento na fatura ao consumidor no mês de abril, fato inegável, sugerindo que o aumento é menor que o índice inflacionário IPCA, pois contém fator de redução, relata aumento do ano anterior de índice muito superior, puxando a responsabilidade do referido aumento para o órgão regulador ARSESP (Agência Reguladora De Saneamento e Energia Do Estado De São Paulo), que na verdade é gerido pelo estado no qual seus interesses geralmente prevalecem. entretanto deixa em aberto que o aumento se deu apenas nove meses após o reajuste anterior, no qual o índice é bem maior do que a inflação oficial, utilizado nos reajustes salarial e que o período de um reajuste da tarifa não corresponde ao prazo de 12 meses (um ano), apenas relata ano anterior. um autor que problematiza a questão do acesso hierárquico no Brasil e sua precificação é Ioris(2009). para esse autor, a compreensão do acesso e uso da água no Brasil, tem uma forte relação com o poder econômico e entrelaça-se, também, por subterfúgios, no instante em que encobre verdades: como num contexto de crise hídrica anunciada a água consegue ser hiper capitalizada e gerar enormes dividendos em termos de lucro? E na mesma direção Mollinga(2008) ressalta que no Brasil a gestão de recursos hídricos não pode deixar de ser pensada como sendo um ato inerentemente político, no qual as relações de poder, hierarquia e governança conduzem o processo de valoração da água. tal contradição evidencia-se naquilo que discutimos no parágrafo a seguir.

O editorial ressalta a diferença da taxa social para famílias de baixa renda em relação à taxa residencial normal que é quase três vezes maior, mas deixa em aberto o valor total da fatura dizendo apenas que é cobrada taxa de esgoto no mesmo valor, assim buscando introduzir uma falsa sensação no leitor, que o reajuste é insignificante quanto em seu montante, quando na verdade ao se somar as duas taxas água e esgoto e seus respectivos aumentos o valor fica muito mais significativo, o que faz com que a maximização do valor seja mascarada sem a real compreensão por parte do consumidor.

No final da reportagem há um enunciado relativos ao bônus, pressupondo para o

leitor algo que seja bom, porém é o anúncio do fim do programa de bônus a quem economizava água, trazendo no enunciado em primeira ordem a extinção da sobretaxa na fatura paga pelos “gastões” quando na verdade é o fim do bônus aos “econômicos” deixando para ser enunciada em segunda ordem.

Vemos claramente nesta reportagem o arranjo de palavras e ordens de conotação para dar uma falsa sensação ao leitor que o estrago não foi tão grande, enunciando a favor do poder público privado satisfazendo a ordem dos políticos interessados e mascarando a realidade deixando subscrita a verdade cruel à população, ou seja, a correspondente ao encarecimento real das tarifas de serviços de água no estado de São Paulo.

<p>FOLHA DE SÃO PAULO DE SÃO PAULO</p>	<p>BRASIL 03</p>	<p>25/06/2016</p>
--	----------------------	-------------------

UM ANO APÓS MOMENTO CRÍTICO, SISTEMA CANTAREIRA VIVE MUDANÇA DE CENÁRIO

Há um ano, em uma represa no município de Joanópolis, a 120 km de São Paulo, funcionava o "centro nervoso" do Sistema Cantareira.

Com a ajuda de máquinas e bombas, era de lá que a água era puxada do fundo do quase seco do manancial e depois distribuída para cerca de 5 milhões de pessoas da grande São Paulo. À época, a Jaguari-Jacaré operava com apenas 7% de sua capacidade.

Agora, um ano depois e 490 bilhões de litros a mais, a maior represa do Cantareira atingiu 56,7% de sua capacidade e não depende mais do chamado volume morto, a porção de água abaixo dos tubos de captação. Além dos números e índices, o aumento de volume de água no Cantareira foi responsável por uma mudança na paisagem do manancial.

O canal criado para a passagem do volume morto desapareceu, e os equipamentos foram todos retirados. Atípicas, as chuvas acima da média em maio e junho contribuíram para dar fôlego não somente a essa represa, como a todos os reservatórios da região metropolitana de SP após a crise de abastecimento de 2014 e 2015.

O Cantareira, por exemplo, o principal sistema, opera atualmente com 59% de sua capacidade, ante 15% no mesmo período de 2015.

Essa "folga" nos mananciais levou o governo Geraldo Alckmin (PSDB) a decretar o fim da crise e rever medidas adotadas no auge da estiagem, como bônus para quem economizasse e sobretaxa aos chamados "gastões" de água.

Segundo especialistas, no entanto, diante do contexto de mudanças climáticas, secas severas deverão ser cada vez mais constantes.

ANÁLISE DA REPORTAGEM 03.

O editorial proclama a saída do volume morto do sistema Cantareira comparando índices de armazenamento com os do ano anterior ressaltando a capacidade acima de 50% destaca obras e equipamentos dentro do sistema não são mais necessárias devidas incidências pluviométricas ocorridas acima da média, um fator atípico com isto reiterando o fim da crise com tal “folga”. Governo decreta fim da crise e revê medidas de contenção de consumo, novamente enfatizando com uma boa ação levando a população a aumentar o consumo, pois o aumento na fatura já havia sido imposto no mês anterior. O governador e seu partido declaram-se os salvadores da situação com a ênfase na palavra “folga” querendo transmitir sensação de algo bom executado pela ação de governo que fora a retirada da sobre taxa de consumo, quando na realidade retirou o subsídio aos que economizavam água visando o aumento de lucro da empresa. *Como observado por NiklasLuhmann ‘o que sabemos sobre a sociedade e ainda o que sabemos sobre o mundo, sabemo-lo através dos meios de comunicação de massas’ (Luhmann, 2000, apud. Serra, 2007, p. 160).*

o editorial ressalta no final da reportagem mudanças climáticas constantes e possíveis crises futuras, mais uma vez colocando a responsabilidade do abastecimento hídrico da população em decorrência de fatores climáticos caso ocorra déficit hídrico.

“por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT 1996 p.10).

<p>FOLHA DE SÃO PAULO GUSTAVO URIBE MACHADO DA COSTA DE BRASÍLIA</p>	<p>BRASIL 04</p>	<p>12/07/2016</p>
<p style="text-align: center;">GOVERNO SANCIONA LEI QUE OBRIGA MEDIÇÃO INDIVIDUALIZADA DE ÁGUA</p> <p>A o presidente interino, Michel Temer, sancionou a lei 13.312, que torna obrigatória a medição individualizada do consumo de água. A medida é válida apenas para novos condomínios.</p> <p>A lei será publicada ainda nesta terça (12) em uma edição extra do Diário Oficial Da União (DOU), segundo informações da assessoria do planalto.</p> <p>O principal objetivo da medida é ambiental: incentivar a economia de água e distinguir os poupadores dos gastadores.</p> <p>Para o governo, a medida vai "aprimorar a sustentabilidade ambiental e fazer justiça àqueles que economizam a água do planeta."</p> <p>Há alguns anos, a medição individualizada vem sendo pregada por especialistas em administração predial como um dos trunfos para a redução do consumo de água.</p> <p>Segundo estudo do CBCS (Conselho Brasileiro De Construção Sustentável), a medição individualizada pode derrubar o consumo de água em até 40%.</p> <p>+ Erramos: o conteúdo desta página foi alterado para refletir o abaixo</p> <ul style="list-style-type: none"> • 13/07/2016 12h33 o instrumento de medição de consumo de água é o hidrômetro, e não o hodômetro. A medida vale apenas para novos condomínios. 		
<p style="text-align: center;">ANÁLISE DA REPORTAGEM 04.</p> <p>Esta reportagem traz o anúncio de criação da lei, pelo governo federal, da obrigatoriedade da individualização de medidores de consumo de água nos novos condomínios utiliza-se em discurso de apelo à sustentabilidade dos recursos naturais, e enuncia uma certa “justiça social” ao distinguir os poupadores dos gastadores.</p> <p>Para mascarar a falta de investimento do governo em obras que garantam o abastecimento da população são tomadas medidas paliativas de contenção de consumo, porem desde que não acarrete uma menor arrecadação financeira para os cofres dos interessados, esta economia em consumo de água pelos condôminos que fora enunciadasegundo estudo do CBCS em até 40% não acarretará em redução de arrecadação</p>		

financeira para as empresas prestadora de serviço, muito menos para o governo, pelo contrário com o aumento dos pontos de cobrança individualizados através de novos hidrômetros, acontece o chamado “efeito tarifa progressiva”, além de aumentar a quantidade de água disponível para distribuição na rede sem qualquer investimento pelos órgãos competentes, devido a economia anunciada em até 40%, aumenta-se a arrecadação e os impostos nas taxas de abastecimento, pois os “econômicos” que não utilizam os “x”m³ referentes a taxa mínima pagam este consumo em seu valor total, e os gastões pagam os m³ totais de seu consumo, sendo um valor normal para todos até os (x)m³ da taxa mínima e um valor maior à cada m³ que se excede a taxa mínima gerando se assim um aditivo na arrecadação, como se encontra a lei até o momento o condomínio que não possui hidrômetros individuais paga apenas uma taxa com a quantidade de m³ de água que utilizou no valor normal pois corresponde a um total de unidades consumidoras que em seu total consumo não ultrapassa os “x” m³ da taxa mínima por unidade, e valor total da fatura é rateado entre os condôminos. dados técnicos comprovam a redução no consumo na ordem de 40%, que por si já seria uma economia de investimento para as concessionárias distribuidoras além deste fato não ser relatado não se é noticiado que o valor econômico recebido pela empresa fornecedora e os tributos governamentais aumentam em cerca de 20%, devido ao efeito da tarifa progressiva conforme demonstra a reportagem com bases científicas questionáveis. em meio a esse contexto recorreremos a Swyngedouw *apud* Swyngedouw (2004) a fim de compreender que o jogo da mudança recente em direção a tornar o H₂O em uma mercadoria global tem profundas implicações nos significados social, político e cultural da água. na ordem analítica do autor, opera a máxima de que a água é transformada em lucro e acumulação de capital por instituições privadas ou público-privadas. o fornecimento de água então torna-se um dos meios para se alcançar metas econômicas e cada vez mais rentáveis, ou seja, crescimento econômico com a cobrança e maximização de lucro para as empresas do setor de água. com base em Ioris(2009) reconhecemos que o verdadeiro interesse desta lei é escondido da população com argumentos apelativos do tipo sócio- ambientais e de preservação do planeta, mas deixando o lado político das relações de poder esvaziado.

<p>FOLHA DE SÃO PAULO FABRÍCIO LOBEL DE SÃO PAULO</p>	<p>BRASIL 05</p>	<p>09/08/2016</p>
---	----------------------	-------------------

Após crise hídrica, São Paulo não fez toda a lição de casa.

Em meio à pior estiagem de sua história, em 2014 e 2015, São Paulo deixou milhares de moradores com as torneiras secas em algum momento do dia, recorreu ao volume morto (reserva emergencial do fundo das represas) do Cantareira, acelerou obras de interligação entre reservatórios, impôs sobretaxa pelo consumo excessivo e bônus para os que economizavam água.

O cenário crítico melhorou neste ano, mas, apesar do anúncio de fim da crise pela gestão Alckmin (PSDB), a situação não chega a ser tão confortável. Para se ter uma ideia, o consumo de água na grande São Paulo no início da crise era de 67,4 mil litros por segundo. No auge da crise, esse consumo chegou a ser reduzido em 26%, chegando a 49,9 mil litros por segundo. Mas atualmente, já subiu e está em 58,9 mil litros por segundo, uma queda de 12,6%, em relação ao início da crise.

E o alerta voltou a ser aceso no mês passado –julho mais seco dos últimos cinco anos no Cantareira.

Maior reservatório de abastecimento da região metropolitana, esse sistema está com 58,5% da capacidade, incluída a cota do volume morto. Bem mais que os 13,9% de um ano atrás, mas ainda aquém da média de 71% antes da crise nessa época do ano.

Para especialistas ouvidos pela Folha, São Paulo deixou de aproveitar a crise hídrica para promover algumas mudanças estruturais na gestão da água e saneamento –de forma a não depender tanto das variações climáticas. Como parte da lição de casa ainda pendente, eles citam investimento em reaproveitamento do esgoto e mudança duradoura do padrão de consumo de água. "não adianta termos sofrido tanto com a crise, se não tirarmos lição dela", diz Edison Carlos, presidente do instituto trata brasil.

Água de reuso

Tratar parte do esgoto urbano de maneira tão pura ao ponto de ser possível beber a água obtida nesse processo. Segundo especialistas, esse é o futuro do abastecimento sustentável no mundo. Isso já está presente no setor industrial –por exemplo, com o Aquapolo(empresa da SABESP e da Odebrecht ambiental e maior produtora de água de reuso do país). Mas falta regulação sanitária para abastecimento público.

Em 2014, o governo do estado chegou a anunciar a construção de duas estações de tratamento de esgoto voltadas para isso. Na época, a medida foi divulgada como um avanço de longo prazo na segurança hídrica da região. O projeto, porém, foi paralisado. A SABESP diz ter optado por soluções mais rápidas e baratas para superar a crise.

Redução de perdas

Segundo a companhia de abastecimento, em São Paulo, a cada cinco litros de água tratados, um é perdido nos canos da própria empresa. Para o hidrólogo Carlos Tucci, é irracional que se busque água de fontes cada vez mais distantes enquanto as tubulações deixam vaziar tanta água.

Se forem somadas as perdas por fraudes e "gatos", esse índice sobe para 30% de toda a água tratada – contra 37% na média nacional. Há anos, um programa de redução de perdas é tocado em São Paulo, mas os avanços já não cumprem as metas. A SABESP diz que esse é um processo longo e contínuo.

Redução de consumo

Quando passou por uma forte seca, em 1994, a cidade de Nova York percebeu que era preciso reduzir de maneira duradoura o consumo de água da população. A prefeitura local financiou a troca de vasos sanitários por modelos mais econômicos. O programa substituiu 1,3 milhão de privadas na década de 1990. Em 2014, uma nova etapa do projeto foi iniciada.

O governo paulista diz estudar um plano semelhante. Uma alternativa pode ser a individualização de hidrômetros em condomínios residenciais, mas a medida ainda é cara (isso é previsto em lei federal, mas só para prédios novos, daqui a cinco anos).

Para Carlos Tucci, a individualização de hidrômetros deverá passar pela resistência das empresas de saneamento. "obviamente, não interessa à empresa de saneamento reduzir o consumo, pois diminuirá a arrecadação."

Áreas irregulares

Em muitas favelas paulistas, a água encanada só chega por meio de "gatos". A prática expõe a população mais pobre a contaminação e aumenta o volume de água perdida nos canos. Para o presidente da SABESP, em algumas dessas áreas irregulares, é possível fornecer água legalmente, mas, por questões técnicas, seria difícil coletar o esgoto.

Nessa condição, a SABESP alega ter receio de ser criminalmente responsabilizada por oferecer água a uma população sem dar o destino adequado ao esgoto local. "ficamos diante de um dilema", afirma Jerson Kelman, presidente da empresa. "ou continuamos aceitando essa condição, em que a população é prejudicada e há perdas de água, ou iniciamos um diálogo sistêmico [com promotoria e prefeituras]."

Análise da reportagem 05.

Mais uma vez o editorial reproduz a culpabilidade da população no tocante ao consumo de água deixando claro que a crise hídrica acontece por fatores climáticos adversos e por falta de economia dos consumidores. Realmente houve um aumento no consumo de água *per capita* dos consumidores. De acordo com Leite (2014): “há dez anos, um morador da grande São Paulo gastava em média 150 litros de água por dia. Hoje o consumo é de 175 litros, 65 a mais do que o recomendado pela OMS (Organização Mundial De Saúde)”

Swyngedouw *apud* Swyngedouw (2004pg38)* diz; “em um contexto de demanda crescente e expansão da demanda total ou *per capita*, o volume de lucro pode ser mantido

por meio da expansão da oferta. Nesse contexto, é interessante ressaltar que a lógica “produtivista” das companhias de fornecimento de água (SWYNGEDOUW *apud* SWYNGEDOUW, 2004) continua em vigor (apesar dos apelos ao uso mais restrito da água). Além disso, dada à natureza de investimentos a longo prazo e intensivos em capital no sistema de infraestrutura de saneamento, há relativamente pouco incentivo ao engajamento em grandes programas de investimento desta ordem. Simplificando, há um claro desincentivo ao investimento em atividades que não são diretamente lucrativas, como controle de vazamentos, em contraste com investimentos para o aumento de produtividade”, neste contexto vemos o editorial obscurecer toda responsabilidade da empresa em investimentos para a redução de perdas de água tratada em seu sistema de distribuição fracionando o volume dizendo “um em cada cinco” de perdas em decimais para dificultar o entendimento da população quanto o tocante de 20% de toda a água tratada que é fornecida é desperdiçada em vazamentos e tenta culpar os gatos e fraudes daí sim ela enuncia em porcentagem sendo 30% esta perda ao juntar os dois fatores sendo que os gatos e fraudes são um terço do que é desperdiçado apenas, e nestas fraudes estão incluídos os morros e favelas que são obrigados a fazer estas ligações clandestinas por falta de investimento da própria empresa que só tem intenção de fazer tal ligação se for isenta da responsabilidade de tratamento dos esgotos pelo custo elevado de sua obra. Swyngedouw *apud* Swyngedouw (2004) relata que “em um contexto de mercantilização e demanda por privatização, a forma tradicional de gerenciamento pelo estado das decisões relativas à tríade demanda–suprimento–investimento fundamentalmente se transformam. Se o lucro, tanto para companhias públicas quanto privadas, for o parâmetro pelo qual a performance é medida (MARTIN & PARKER, 1997) e a sinalização dos preços for um instrumento-chave para a regulação do nexo demanda/oferta, as contradições entre esses momentos no processo econômico tomam uma direção um tanto diferente (LITTLECHILD, 1988). Num contexto externo, no qual a expansão da demanda é seriamente desencorajada por questões ambientais, enquanto o investimento precisa ser mantido para expandir, substituir e atualizar a rede, as equações de equilíbrio das empresas se tornam relativamente específicas.”

O editorial seleciona uma pessoa para expressar uma opinião, a fim de iludir o leitor, na qual a lei de individualização de hidrômetros em condomínios seria algo de caro investimento e um fator de prejuízo para a empresa distribuidora insinuando que o estado deveria subsidiar tal ação como fora feito por outra prefeitura em outro país em ações do

tipo, visando economia permanente de consumo de água, quando sabemos que, conforme apresentado na análise anterior, o efeito progressivo nas faturas traz um acréscimo de cerca de 20% na lucratividade da empresa distribuidora.

Nesta reportagem também fica clara e notória o desejo do editorial em atender o interesse de grandes firmas, tratada por Swyngedouw *apud* Swyngedouw (2004) como os “mandarins da água”, corporações que dividem grande parte dos mercados privatizados locais de água, entre eles a Aquapolo, em obras de saneamento e tratamento de águas de reuso, buscando levar o leitor ao entendimento de que estas obras seriam o futuro da garantia hídrica para as pessoas e única solução possível para esta problemática, trazendo o apelo ambiental como suporte e anunciando uma tal complexidade justificadora de obras de longo prazo custos elevados e portanto já preparando o leitor para uma conta alta a pagar e de cunho imprescindível.

<p>FOLHA DE SÃO PAULO DE SÃO PAULO</p>	<p>BRASIL 06</p>	<p>13/08/2016</p>
<p style="text-align: center;">Lucro da SABESP dobra com fim do bônus e maior consumo de água</p> <p>A o lucro da SABESP (empresa paulista de saneamento) mais que dobrou no primeiro semestre deste ano em comparação com o mesmo período de 2015. Segundo relatório financeiro divulgado nesta sexta (12), o bom resultado para a empresa é uma combinação de três fatores: reajustes tarifários para os clientes, fim do bônus para quem economiza e aumento do consumo de água da população.</p> <p>De janeiro a julho de 2015, em meio à <u>crise hídrica</u>, a SABESP registrou um lucro líquido de r\$ 655,5 milhões. Um ano depois, o valor acumulado no período foi de r\$ 1,4 bilhões, um aumento de 117%. Nos últimos três meses, a receita da empresa subiu 21,8% em comparação com 2015.</p> <p>Só o <u>fim do bônus</u> nas contas de água, em abril deste ano, já representou uma economia de r\$ 197,4 milhões aos cofres da SABESP, empresa de saneamento da gestão Geraldo Alckmin (PSDB). O programa de incentivo para reduzir o consumo foi criado em fevereiro de 2014 e ajudou a <u>poupar quase 100 bilhões</u> de litros de água durante aquele ano.</p> <p>Em janeiro de 2015, quando a falta de água na periferia da grande São Paulo chegava a 20 horas por dia, a empresa implementou um sistema de <u>sobretaxa para inibir "gastões"</u> –moradores com consumo elevado, na época cerca de 22% da população, segundo o governo do estado.</p> <p>Economia e prejuízo</p> <p>Apesar de as medidas ajudarem a contornar a crise, tiveram como efeito colateral a redução nos</p>		

lucros da empresa. Em 2014, os ganhos da SABESP caíram pela metade.

No segundo trimestre de 2015, pela primeira vez durante a crise hídrica, a empresa de saneamento fechou o caixa no vermelho, com um prejuízo de R\$ 580 milhões.

Com o fim da crise, decretada pelo governador Geraldo Alckmin em março deste ano, e o fim da sobretaxa, em abril, a SABESP aumentou o volume de água distribuído, a população deixou de economizar e a quantidade de "gastões" voltou a crescer.

Atualmente, o consumo de água na grande São Paulo é de 58,9 mil litros por segundo, menos do que no início da crise (67,4 mil litros por segundo), porém mais do que no auge da economia, quando o consumo chegou a ser reduzido em 26%, alcançando 49,9 mil litros por segundo.

De acordo com o balanço divulgado pela empresa, no último trimestre o volume de água distribuído aumentou 4,7% em relação a 2015.

Embora a situação atual dos reservatórios esteja melhor do que no último ano, ela ainda não é considerada confortável. O Cantareira, maior reservatório de abastecimento da grande SP, por exemplo, tinha 58,5% da capacidade nos últimos dias, incluída a cota do volume morto. Bem mais que os 13,9% de um ano atrás, mas ainda aquém da média de 71% antes da crise nessa época do ano.

Para especialistas, apesar de ter acelerado obras para aumentar a oferta de água, São Paulo deixou de aproveitar a crise hídrica para promover algumas mudanças estruturais na gestão da água e saneamento –de forma a não depender tanto das variações climáticas. Como parte da lição de casa ainda pendente, eles citam investimento em reaproveitamento do esgoto, redução de perdas nas tubulações e mudança duradoura do padrão de consumo de água.

Reajustes

Além de gastar mais água, a população está pagando mais por isso. Em maio, a conta foi reajustada em 8,4%.

Antes, a tarifa já tinha sofrido dois aumentos. O primeiro, de 6,5%, foi feito em dezembro de 2014, pouco mais de um mês após a reeleição de Alckmin para o governo de São Paulo e em meio à seca.

O segundo aumento, o maior deles, de 15,2%, aconteceu em junho de 2015, por causa do agravamento da crise hídrica, já com a intenção de remediar a situação financeira da SABESP.

Análise da reportagem 06.

Esta reportagem do editorial pode ser desvendada através da análise de (SWYNGEDOUW *apud* SWYNGEDOUW 2004,) “na medida em que a sinalização dos preços é vista como o principal mecanismo para gerenciar a “escassez”, essa construção discursiva da água como um bem “escasso” se torna uma parte importante da estratégia de mercantilização, quando não de privatização. Neste contexto, alianças políticas estranhas e muitas vezes cruéis são forjadas entre livre-mercadistas e setores do movimento ambientalista (SWYNGEDOUW *apud* SWYNGEDOUW 2004).[.....] Enquanto os ambientalistas continuam insistindo que a água é um bem escasso e finito,

consequentemente necessitando de exploração cuidadosa, o setor privado e os governos em todas as escalas geográficas abraçam esse discurso de “escassez”. Uma economia de mercado, é claro, requer a “escassez” para funcionar. Sem a “escassez”, soluções ou mecanismos baseados no mercado simplesmente não funcionariam. Se necessário, portanto, a “escassez” será eficientemente “produzida”, socialmente projetada (SWYNGEDOUW, 2004; DAVIS, 1998).

Nesta reportagem vemos a exploração da escassez como fonte vindoura de lucratividade o título com o chamado para o sentimento da população donde o fim do bônus por economia de água juntamente com os aumentos de tarifa teria sido responsável pelo faturamento duplicado da empresa, mas no decorrer da reportagem o que notamos é a busca da desconstrução deste sentimento, o editorial traz o leitor para a notícia pontuando os motivos da lucratividade dando a entender que fora possível através de boa gestão do atual governo, que o objetivo do programa de contenção de consumo fora alcançado com grande economia de água através de bilhões de litros e que a extinção do programa é favorável à população, pois punia os “gastões” de água, porém esconde o fato real, que o lucro advindo, fora relativo ao bônus retirado da conta da população que economizava água, não o contrário como se insinua. De acordo com Peter Berger e Thomas Luckmann – “a comunicação social contribui para criar uma espécie de patamar mínimo de entendimento comum, compartilhado, da realidade social”. De modo complementar, Altheide e Snow consideram que “ela age como um agente capaz de participar, por um lado, na modelação e na reconstrução sucessiva da realidade social e, por outro lado, na construção de referentes para a ação individual” (apud. SOUSA, 2006, p. 527).

Em um segundo momento induz o leitor a achar que o baixo consumo de água traz prejuízo à empresa distribuidora que a boa gestão do governo trouxe a normalidade do abastecimento e com o fim do programa poderia se consumir mais água que não haveria punição na fatura, assim induzindo os leitores ao fato que este era o real motivo do bom desempenho da empresa, “o maior consumo”, destaca também que os reservatórios encontram-se com volume aceitável dando segurança para que o consumidor não sofra desabastecimento, motivando o consumidor a aumentar seu consumo, como referendado por Swyngedouw *apud* Swyngedouw (2004). Neste contexto, o editorial busca atenuar o relato de especialistas na área de gestão hídrica, que constata falta de mudanças comportamentais da população, estruturais da empresa e governamental, como investimentos em obras para a não dependência de fatores naturais ou seja variações

climáticas dizendo que “apesar de ter acelerado obras para aumentar a oferta de água” isto poderia acontecer, ou seja volta a se culpar os fatores climáticos em uma futura eventual crise que possa ocorrer, por fim justifica os índices de aumento como necessários em seus momentos buscando conformar a população.

Após termos analisado as reportagens do editorial FSP, passaremos aqui, a continuar na via reflexiva sobre a implicação do discurso da crise hídrica e a incorporação pedagógica desse pelos entrevistados. Para tal finalidade realizamos (x entrevistas, mas por uma questão de tempo, só conseguimos analisar y) com membros da comunidade acadêmica da UEPB campus iv entre os meses de setembro e outubro do ano de 2017. Essas ao nosso entender são representativas e capazes de dar visibilidade, àquilo que estamos a querer verificar nos discursos dos entrevistados, ou seja, a maneira como a comunicação midiática os convence em relação a um cenário assustador de crise hídrica anunciada, cujas *repetições*, em grande medida verificamos nas falas dos entrevistados. Como já ressaltamos acima, por uma questão ética e de não exposição direta do entrevistado, ocultamos o nome dos sujeitos que integraram o conjunto das entrevistas.

As questões formuladas na entrevista foram pensadas de forma a desconstruir, pelo próprio entrevistado, o pensamento inserido no contexto neoliberal da gestão das águas, pela mídia mundial, inclusive a brasileira e entre elas o editorial FSP. A mídia dispõe do poder discursivo em suas mãos, e faz valer o prisma de que a crise hídrica enfrentada pelos brasileiros é de cunho não político, mas sim, de ordem sobrenatural e, também, por irresponsabilidade do consumidor no tipo de uso inadequado que faz do acesso e uso dos recursos hídricos. Ou seja, ao mesmo tempo em que entrevistamos por meio do questionário semiestruturado, o sujeito é levado a pensar o que é e como funciona a configuração da anunciada crise hídrica no Brasil.

3- A PEDAGOGIA DA CRISE HÍDRICA: EFICIÊNCIA E SACRALIZAÇÃO DO DISCURSO INSTRUMENTAL COMO MECANISMO DE APRENDIZAGEM: A EXPERIÊNCIA DO CAMPO

Neste capítulo apresentaremos mais detalhadamente a maneira como as pessoas constroem para si e, ao mesmo tempo, disseminam a ideia social relativa à natureza do que venha a ser a crise hídrica no Brasil, a partir do ocorrido em São Paulo com o sistema Cantareira. É notório a maneira como os entrevistados incorporam a pedagogia do discurso da escassez hídrica, muitas dessas, sem saber a dimensão hídrica da qual o país é signatário

máximo no mundo, o que poderia nos ler a ocupar posição mais estratégica no cenário internacional. Desconhecer tal realidade é um atenuante para que a precificação da água se sobreponha ao máximo como uma mercadoria cada vez mais valiosa e inacessível àqueles que não podem pagar pela água.

3.1- O Trabalho De Campo, Transcrição De Ponto Das Falas Dos Entrevistados.

PONTOS DAS ENTREVISTAS
- ENTENDIMENTO DE CRISE HÍDRICA.
<ul style="list-style-type: none"> • A gente passa uma escassez de água muito grande na região; • Eu entendo que o fornecimento de água no Brasil entrou em colapso pela ausência de chuvas ameaçando a sobrevivência dos seres humanos. • Clima seco não favorece não apresenta assim as chuvas necessárias. • A água não some como vocês sabe, essa crise consequente aí né, o que falta não vai ser a questão em volume, mas sim a questão em qualidade. • A crise hídrica no Brasil é a questão da falta de água seja na irrigação que o caso da gente ou até mesmo no dia a dia a gente vê a falta de água nas nossas casas ou até mesmo nas escolas.....uma crise que pode se agravar mais né com os fenômenos naturais que estão acontecendo hoje. • Bom a crise hídrica no brasil eu acho que de 2004 para cá vem sofrendo um aumento por conta da pouca pluviosidade pois o volume de chuva diminuiu.
-CONHECIMENTO DA FALÊNCIA DO SISTEMA CANTAREIRA ENTRE OS ANOS DE 2014 A 2016?
<ul style="list-style-type: none"> • Aquele sistema ele tem uma capacidade de abastecimento onde não supriu o aumento da população. • Ali aconteceu pela inoperância das lideranças políticas de tomar uma atitude e planejar, planejar obras que melhorem a qualidade de vida do ser humano né na ausência de chuvas. • Somente o que a mídia expõe aquela questão do sistema foi muito falado do volume morto, mas não me aprofundei no tema. • Eu acho que só falta o incentivo do governo porque a capacidade hídrica o brasil tem né. • Nada a declarar só ouvi o que o jornal anunciou.
-FATORES DA CRISE HÍDRICA NO BRASIL
<ul style="list-style-type: none"> • Climáticos sim por conta que a maior concentração de pessoas no país é na região Sul e Nordeste onde tem a maior falta d'água no país e um dos lugares com melhor índice pluviométrico é na Amazônia para nossa região aqui fica muito caro, mas se houvesse o incentivo do governo. • Eu acho que uma mistura de climáticos e sociais. • Uma mistura os nossos políticos não investem de uma forma correta nesse reservatório e de conscientização e a gente ainda não entrou nesse conceito aí a gente acaba agredindo o meio ambiente de uma forma descontrolada gerando a crise

hídrica.

- Na minha concepção eu acho que questão social e também o que abrange a questão política eu vejo isso assim, esta questão dos fatores climáticos também nós passamos por ciclos que sempre irão se repetir.
- Acredito que de climáticos e sociais.
- Climático.

- AMBIGUIDADE: MAIOR RESERVA DE ÁGUA DOCE DO PLANETA E PERCEÇÃO DA CRISE HÍDRICA

- A crise hídrica ela, mas provocada pelo ser humano pelo homem na verdade nós brasileiros a gente consome água de forma exacerbada e sem racionamento
- Perdas da água quando sai da tubulação para abastecimento de uma casa a gente perde até de 30% dessa água
- A população ainda não está consciente
- A população ainda desmata
- O grande culpado pela crise hídrica que acontece o nosso país é justamente a irresponsabilidade do homem.
- Bom temos grandes reservas de água no Brasil, mas nossas reservas estão concentradas em algumas regiões em outras nós verificamos a ausência de rios e de chuvas como é o caso do Nordeste.
- O Brasil é detentor da maior parte dessas reservas e seria bem fácil você trazer assim teoricamente trazer água de qualquer local, mas vem é a questão da política, porque todo mundo quer tirar uma verbazinha, superfatura a questão de obras, quantidade de dinheiro que foi investida em transposição do São Francisco daria tranquilamente para se fazer transposição do rio, por exemplo amazonas para o nordeste talvez só a metade do dinheiro se não houvesse desvios.
- Eu acho que é mais uma questão de como falei política e econômica né apesar de a gente ter essa quantidade de reservas ainda não é suficiente a população tanto no Brasil quanto Mundial cresce todos os dias e quanto mais cresce essa população mais a necessidade de se aumentar essas reservas

- O FATOR POLÍTICO TEM RELEVÂNCIA NO CENÁRIO DA CRISE HÍDRICA?

- É com certeza recentemente teve um congresso aqui no estado da Paraíba e era justamente para tratar sobre essa questão da crise hídrica no estado da Paraíba e vieram os palestrantes do Colorado Estados Unidos e do Texas eles trouxeram informações em que lá chove menos do que o Estado da Paraíba só que lá eles produzem 20 vezes mais do que o nosso estado porque lá ele tem uma política que trabalha justamente a questão da água.
- No Texas ele vai até a agência que gerencia as águas e nessa agência ele vai dizer quantos hectares vai plantar quanto vai colher e quanto de água ele precisa para uma determinada área para cultivo
- Sim, pela falta de atividade das lideranças políticas e a falta de investimentos em obras que possibilitem por exemplo armazenamento de água.
- Com certeza estes desvios de bilhões de reais que tem na nossa economia que poderia ser investido de certas formas até na questão de tratamento de água como nos Estados Unidos que já acontece né poderia ser investido aqui na reutilização e não acontecem por causa da questão política.
- Justamente falta de uma gestão política eficaz o que não querendo falar ou

menosprezar a questão, mas o nosso cenário político está contaminado de maus gestores

- “NA NATUREZA NADA SE CRIA, NADA SE PERDE, TUDO SE TRANSFORMA” ESSE FATO PODERIA SER RELACIONADO AO TEMA DE “CRISE HÍDRICA”?

- Porque na natureza ela está se transformando, mas tá se transformando para uma coisa muito pior do que o que a gente imagina nunca passou nas nossas cabeças enfrentar uma seca tão prolongada como essa que foi que a gente atravessou;
- A gente tá vendo que a natureza ela está dando a resposta não de forma positiva Mas pela a degradação que o homem tá ela tá dando resposta ou está se transformando de forma negativa.
- Eu acho que de certa forma sim, sem água a vida não existe e a falta de agua está totalmente relacionada a isto.
- Sim porque a água que evapora se transforma em chuvas.
- Exatamente é o que eu abordei na primeira pergunta, nosso volume de água no planeta é o mesmo e sempre o será, o que vai diminuir é a questão da água potável, como no rio tietê a medida que vai passando por dentro das cidades cai esgoto dentro é a poluição todos Com certeza como já falei né se tivesse uma questão como nos Estados Unidos né que as águas salobras elas são tratadas e elas retornam para a reutilização, como não acontece isso só tá havendo o desperdício não estava havendo reaproveitamento em quase nada e o reaproveitamento mesmo que seja na minha casa ou na sua ainda é pouco porque uma Andorinha só não faz verão.

- QUAL SUA SUGESTÃO PARA O ENFRENTAMENTO DESSA TAL “CRISE HÍDRICA NO BRASIL”?

- Eu acho que já tá na hora das políticas públicas se voltarem para a questão da gestão das águas é uma necessidade muito grande em relação a gestão das águas.
- Bom acho que planejamento né pois esse problema já existe há muitos séculos e ninguém toma uma atitude assim as atitudes necessárias para resolver né porque a gente já sabe que todo ano tem seca né então as autoridades e os políticos devem investir mais em obras de infraestrutura que preparasse o povo para enfrentar essa seca, maior interesse político uma conscientização da população também e principalmente a população nordestina a menos esclarecidas nestas questões, mas tem que ter uma tomada de decisão de cada ser humano cada pessoa de se auto conscientizar o que eu vejo é isso, e a partir de investimentos da parte governamental principalmente em novas tecnologias
- É cada vez mais a população se conscientizar, nossas política investir em tratamento de água né em fazer aquelas estações de tratamento de água com investimento econômico a população cada vez mais se conscientizar as escolas as universidades também se envolver na questão né levar para os meios rurais principalmente que não tem tanta informação, para que no futuro nossos filhos, também pessoas que venham pela frente, não ter essas dificuldades maiores do que a gente já está tendo principalmente a região Nordeste que infelizmente sofremos de irregularidade enormes.
- Eu acho que políticas de incentivo em relação ao assunto, mas como é que eu posso dizer incentivo do governo geração de postos artesianos de cisternas de armazenamento da água porque isso poderia diminuir muito esta drasticidade hídrica.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.

Nas entrevistas, em geral, percebemos no início das perguntas a clara influência que a mídia exerce sobre a consciência coletiva, a partir do momento em que atribui a crise hídrica como sendo especificamente voltada exclusivamente ao prisma técnico-naturalista, ou seja, montagem intencional de um discurso que se faz valer como determinista. E Foucault (1996) em um dos seus quatro argumentos principais, ressalta que esse se conecta entre si ao se referir entre as diferenças fundamentais que encadeiam que podem vir a ser a verdade, *uma possibilidade* de verdade e, também, aqui denominado de *verdadeiro*, ou seja, aquela *verdade* que é aceita por uma determinada sociedade e que, por isso, interessa a algum grupo social específico. Neste caso específico o editorial FSP consegue integrar os elementos necessários que uma ordem mundial coloca como sendo específica e necessária ao discurso da escassez e da crise hídrica planetária pela qual passamos e da qual dificilmente nos livraremos. Ele é, em certa medida, considerado uma *verdade* oficial, que não fere os interesses do *status quo* e que é válida por diversas estratégias de proliferação – *no verdadeiro*. Essencial ao rol de atores sociais que lucram com a disseminação deste discurso. Ou seja, em um dado momento, o entrevistado quando perguntado qual o elemento produtor da crise hídrica, afirma *ser o uso desordenado e o aumento da população*, só quando é indagado mais adiante é que passa a reconhecer o problema como tendo uma natureza política, muito embora não saiba descrevê-la diretamente apontando a corrupção como um dos elementos específicos do problema da falta de água. Esses ainda quando são indagados sobre a crise vivenciada no espaço do sistema Cantareira, considera que houve falta de planejamento do volume armazenado sendo este volume insuficiente para atender o crescimento populacional. Fala esta eivada de argumentos míticos.

No decorrer do questionário vemos as respostas sendo voltadas para a culpabilidade dos consumidores da população em geral por causar a degradação ambiental desperdício e os fatores climáticos adversos, mesmo que anteriormente o entrevistado tivesse relatado políticas eficientes de gestão e prevenção de crise hídrica no sistema das águas norte-americano, citando o desperdício nas tubulações de distribuição de água das concessionárias brasileiras, observamos então quão entranha é o discurso que ele repete, ou seja, aquele cuja a pedagogia foi conduzida pela mídia. O seu alcance é tamanho que nenhum dos cinco entrevistados desconhece o fato ocorrido no espaço do sistema Cantareira na cidade de São Paulo.

Segundo Swyngedouw *Swyngedouw* (2004) uma coreografia local/global é

forjada, baseada na mobilização de H₂O local, transformando a água em dinheiro e inserindo-o em seus circuitos transnacionais de circulação do capital. Sistemas de recursos locais se tornaram conseqüentemente peças do tabuleiro de companhias globais. A afirmação do autor acima é ratificada por Foucault, esse ao fazer referência que o discurso da *verdade* interessa a algum grupo social, neste caso específico, uma possível associação entre o editorial e a produção da natureza de uma crise hídrica. É apenas no final dos questionamentos que os entrevistados sugerem alternativas possíveis para o enfrentamento da anunciada crise hídrica. E aí, de maneira tímida e deslocada, passa a remeter às autoridades políticas a importância em promover gestões hídricas mais eficientes com projetos de armazenamento e utilização destes recursos possivelmente ao ordenamento do bem públicos.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A anunciada crise hídrica no Brasil se constitui sob uma onda dialética cujas diretrizes discursivas aparecem como axiomas inquestionáveis, ou seja, ela é sempre colocada à revelia de sua natureza, ao caminhar especificamente pelos trilhos da ideologia do mercado no instante em que predomina a maximização do lucro como alvo principal, estrategicamente útil à classe de atores sociais que lutam por retirar a explicação política do processo que hierarquiza o acesso e uso à água aos diferentes estratos sociais. Ao escolhermos a referida temática e a configuração do objeto de estudo, buscamos resistir à ótica dominante que faz valer a naturalização da crise hídrica no Brasil herdada da agenda neoliberal no que tange à mercantilização hídrica, como também a vivenciada no estado de São Paulo a partir da anunciada crise que ocorrera no sistema Cantareira, tão bem apropriada pelo editorial FSP como arma de manipulação de discursos de combate à escassez hídrica. Porém, ao investigarmos os “impropérios” das matérias passamos a perceber que a crise hídrica no contexto mencionado estava, está e “permanecerá” amarrada a fatores naturalistas. E fazer tal ligação não foi tarefa fácil porque a pedagogia imposta simbolicamente de maneira bastante violenta, devido ao fato de questões relevantes serem excluídas dos *modos operandi* daquilo que a envolve. Por fim, ressaltamos que os atores por nós entrevistados estão em grande medida a produzir o reconhecimento da crise hídrica numa dimensão coletiva, ao reconhecer e a reproduzir o que é, o que foi e o que será a escassez hídrica nas suas diferentes matrizes, ante ao que foram catequizados pela mídia e, também, pelo editorial FSP.

5- BIBLIOGRAFIA:

FOLHA DE SÃO PAULO: Um jornal a serviço do Brasil. **Após Crise Hídrica, São Paulo Não Fez Toda A Lição De Casa** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/08/1800622-apos-crise-hidrica-sao-paulo-nao-fez-toda-a-licao-de-casa.shtml>> Acessado em: 09 de setembro de 2017;

FOLHA DE SÃO PAULO: Um jornal a serviço do Brasil **Conta De Água Da Sabesp Aumenta 8,5% A Partir Desta Quinta.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/05/1770479-conta-de-agua-da-sabesp-aumenta-85-a-partir-desta-quinta.shtml>> Acessado em 03 de outubro de 2017;

FOLHA DE SÃO PAULO: Um jornal a serviço do Brasil. **Governo Sanciona Lei Que Obriga Medição Individualizada De Água** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/07/1790945-governo-sanciona-lei-que-obriga-medicao-individualizada-de-agua.shtml>> Acessado em 06 de novembro de 2017;

FOLHA DE SÃO PAULO: Um jornal a serviço do Brasil. **Lucro Da Sabesp Dobra Com Fim Do Bônus E Maior Consumo De Água** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/08/1802543-lucro-da-sabesp-dobra-com-fim-do-bonus-e-maior-consumo-de-agua.shtml>> Acessado em 09 de setembro de 2017;

FOLHA DE SÃO PAULO: Um jornal a serviço do Brasil. **Sistema Cantareira Tem Abril Com Menos Chuvas Em 16 Anos.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/04/1761623-sistema-cantareira-tem-abril-com-menos-chuvas-em-16-anos.shtml>> Acessado em: 03 de outubro de 2017;

FOLHA DE SÃO PAULO: Um jornal a serviço do Brasil. **Um ano após momento crítico, sistema Cantareira vive mudança de cenário** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/06/1785590-um-ano-apos-momento-critico-sistema-cantareira-vive-mudanca-de-cenario.shtml>> Acessado em 06 de novembro de 2017;

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: edições Loyola, 1996. Disponível em: <<https://moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=747674>> acesso em 05 agosto de 2017.

JUNQUEIRA, F. C. **Modificação do sistema de hidrômetro coletivo para hidrômetros individualizados em condomínio residencial, Goiânia, GO.** Disponível em: <<http://www.pucgoias.edu.br/ucg/prope/cpgss/arquivosupload/36/file/modifica%20do%20sistema%20do%20hidrometro%20coletivo%20para%20hidrometros%20individualizados%20em%20condom%20nio%20residencial.pdf>> Acesso em: 01 de Outubro de 2017.

LEITE, M. (org.). **Tudo sobre crise da água.** São Paulo, Folha De São Paulo, São Paulo, 2014, reportagem multimídia. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/especiais/passado-futuro-cantareira/>>. Acesso em: 09 de setembro de 2017;

MARTIRANI, L. A., PERES, I. K. **Crise Hídrica Em São Paulo: Cobertura Jornalística, Percepção Pública E O Direito À Informação** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v19n1/pt_1809-4422-asoc-19-01-00001.pdf>. Acessado em: 01 de outubro de 2017;

MATTES, D. **Água. Má gestão e crise. Revista caros amigos**, São Paulo, págs. 4-5, dez. 2014. Especial água;

OLIVEIRA, C.; GOMES, R. **O Nome Do Que Alckmin Fez Com A Água De SP É ‘Crime De Responsabilidade’**. Rede brasil atual, no. 104, 7 mar 2015, ambiente político. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/104/o-que-alckmin-fez-do-abastecimento-tem-nome-crime-de-responsabilidade-4581.html>> acessado em: 17 setembro 2017;

ONU in: **INFOGRÁFICO: dados mostram panorama mundial da situação da água Em entrevista, diretor de gestão da Agência Nacional de Águas faz balanço da situação do recurso no Planeta.** Disponível em: <<http://www.boavontade.com/pt/ecologia/infografico-dados-mostrar-panorama-mundial-da-situacao-da-agua>> acessado em 17 de setembro de 2017;

SERRA, P. **Manual de teoria da comunicação**. [s.l.]: livros Labcom, 2007;

SOUSA, J.P. **Elementos de teorias e pesquisa da comunicação e dos media**. Porto: s.e., 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf>> acesso em: 11 setembro 2017;

SWYNGEDOUW, E. **Privatizando O H2o Transformando Águas Locais Em Dinheiro Global**. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/Erik_Swyngedouw/publication/279485205_Privatizando_o_o_H2O_transformando_aguas_locais_em_dinheiro_global/links/55bc785e08ae9289a0957ecc/Privatizando-o-H2O-transformando-aguas-locais-em-dinheiro-global.pdf> Acessado em 11 de setembro de 2017;